

# 1 Introdução

O tema desta dissertação surgiu da inquietação de uma repórter. Durante os anos de 2003 e 2004, uma de minhas funções na redação do jornal em que trabalhei, “O Globo”, era escrever para o seu suplemento infantil, o “Globinho”, um caderno editado semanalmente e destinado a um público com idades entre 8 e 12 anos. Escrever, neste caso, não significava apenas redigir. O trabalho ia desde a busca e sugestão de assuntos e temas que fossem do interesse das crianças leitoras, passava pelas entrevistas e fotografias que fazíamos “na rua”, em bom jargão jornalístico, e tinha, como etapas seguintes, a redação do texto, sua diagramação ao lado das imagens pertinentes e, enfim, a publicação da reportagem. Pois era o ponto final do processo descrito que, de certa forma, me incomodava. Enquanto a maioria dos jornalistas se preparava, findo o trabalho, para dar início a um novo processo “sugestão de pauta – apuração – redação”, meu maior desejo era, na verdade, partir para a casa de meus leitores de pouca idade e entrevistá-los, no intuito de saber o que pensavam sobre o material que produzimos.

No livro “Deu no jornal, o jornalismo impresso na era da internet”, o jornalista Fernando Sá (2002) afirma que:

“Foi a imprensa escrita que mais acumulou experiência para poder desempenhar com sucesso a atividade de captar, selecionar, editar e fazer circular as notícias. Apesar de todos os saltos tecnológicos que propiciaram o surgimento de novos e sofisticados meios de comunicação, podemos afirmar que a imprensa escrita continua a ser a base e o fundamento, o local por excelência onde se faz e se aprende a fazer um bom jornalismo.” (Sá, 2002, [orelha do livro]).

A relação entre as crianças e “novos e sofisticados meios de comunicação”, aos quais se refere Sá, especialmente a televisão e a internet, é objeto recorrente de pesquisas recentes. Teóricos como o sociólogo Neil Postman (1999) alardeiam, inclusive, que a televisão destrói a barreira divisora dos universos adulto e infantil, uma vez que requer apenas o entendimento da fala e não da escrita. No mundo letrado, ao contrário do que acontece no mundo audiovisual, as crianças precisam se transformar em adultos para terem acesso a certos “segredos culturais”, que são oferecidos sob forma de símbolos a serem

decodificados. A revolução aí está: ser criança hoje é viver uma infância imersa em um universo iletrado, onde impera o audiovisual.

Em pesquisa realizada nos anos 1996 e 1997 pelo UNICEF<sup>1</sup>, com cerca de 5 mil alunos na faixa dos 12 anos, em quatro continentes, comprovou-se que na América Latina, por exemplo, a mídia eletrônica é muito mais difundida que a mídia impressa. Cerca de 98% dos estudantes, nesta região, têm acesso à televisão, enquanto 60% declararam ter acesso a histórias em quadrinhos.

Dados como esses, coletados ao longo de minha pesquisa, serviram apenas para inquietar mais a repórter, agora pesquisadora. Se temos uma geração marcada tão fortemente pela televisão e se esse meio de comunicação transformou tão radicalmente seu universo, que usos (ou desusos) a criança do século XXI faz de um veículo de comunicação estático e orientado apenas aos letrados? Um veículo impresso onde, como já dito anteriormente, se pratica o bom, mas velho, jornalismo.

Durante o mestrado, também tive a oportunidade de participar da pesquisa “Crianças, Televisão e Valores Morais”, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa de Mídia em Educação – GRUPEM, da PUC-Rio, sob a coordenação da professora Rosália Duarte, que teve como objetivo investigar como as crianças dão sentido ao que vêem pela tevê (Duarte, 2005). A partir de 855 desenhos e textos, enviados por meninos e meninas com idades entre 8 e 12 anos, expressando suas opiniões a respeito do que assistem na televisão, foi feita uma análise descritiva do material. Esta dissertação também pretende trazer contribuições para o trabalho realizado pelo grupo, no sentido de tentar conhecer um pouco mais sobre as relações que se estabelecem entre crianças e mídia em geral.

O primeiro recorte que fiz foi o de investigar os hábitos de leitura de mídia impressa infantil de um público específico, com idades em torno dos 11 e 12 anos. A questão era ainda ampla e, por isso, decidi me fixar em apenas dois veículos, o suplemento “Globinho” e a revista “Recreio”, e trabalhá-los através de oficinas com dois grupos distintos de crianças, estudantes de uma escola pública e outra particular. Minha intuição era a de que esse público saberia muito bem como expressar suas opiniões sobre o material apresentado, uma vez que eu mesma já havia, como repórter, tido uma prévia de seus desejos e anseios através de e-mails

---

<sup>1</sup> “A Criança e a mídia: imagem, educação, participação”. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002

e comentários feitos via internet. Algumas crianças, por iniciativa própria, escreviam para o “Globinho” ou faziam comentários no site da publicação, o “Bloguinho”, dando sugestões de reportagens, comentando ou criticando textos ou ainda contando suas experiências. A título de curiosidade, reproduzo algumas dessas mensagens aqui:

“Oi, eu sou a Thais! Adoro o Globinho, mas os textos, às vezes, são muito técnicos e eu acabo não lendo por pura preguiça.” (Thais Ferraz Rodrigues, 10 anos)

“Eu queria sugerir uma reportagem para vocês: os apelidos maldosos que as crianças na sala de aula botam nos colegas.” (Ana Carolina Biana Barreto, 9 anos)

“Oi pessoal, adoro o Globinho e adorei a sugestão de teatro que teve no último dia 21/08. Adorei o teatro, foi uma ótima idéia. Um abraço!” (Iaçanã Curtinhas de Castro, 11 anos)

“Vocês podiam ter dado uma reportagem um pouco mais interessante, por exemplo: como se inventou o fósforo, do começo ao fim.” (Isadora Paganoto de Oliveira, 9 anos)

São escassos os estudos que se propõem a investigar a mídia impressa especializada infantil. Em uma procura feita no portal da Capes na internet<sup>2</sup>, foram encontradas três dissertações e teses sobre o assunto. Mesmo assim, todas se propunham a analisar apenas o produto, ou seja, o veículo, e não a maneira pela qual se dá a recepção das crianças, o que elas pensam e de que maneira fazem tal leitura. Meu objetivo, nesta dissertação, é estudar a recepção: realizar um estudo do material jornalístico a partir do que dizem as próprias crianças.

O estudo que mais se aproximaria da proposta desta dissertação, por relacionar crianças e jornalismo a partir das informações e idéias fornecidas por elas mesmas, foi o trabalho de conclusão de curso de jornalismo de Claudia Garzel<sup>3</sup>, realizado em 2004, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisadora ouviu crianças de 10 e 11 anos, da 4ª série do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação de Florianópolis, para saber como elas acessavam as notícias, de que forma e por quais meios. O levantamento também procurou saber

<sup>2</sup> A pesquisa se deu em novembro de 2005, no banco de teses do Portal Capes ([www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)), incluindo teses e dissertações defendidas junto aos programas de pós-graduação desde 1987, ao fazer minha revisão bibliográfica para o início deste projeto.

<sup>3</sup> GARZEL, CLÁUDIA. *Jornalismo para crianças: estudo sobre as práticas culturais e consumo de mídia junto a crianças de 10 e 11 anos em Florianópolis* (monografia). UFSC, 2004.

quais eram os temas que mais interessavam a essa faixa etária. Os métodos e procedimentos adotados pela pesquisadora, na obtenção de dados e na análise, se basearam em Buckingham, Tobin, e Girardello & Orofino. Esse trabalho, de predominância qualitativa, procurou ainda integrar dados quantitativos. Houve a aplicação de um questionário sobre práticas culturais e consumo de mídia, em uma primeira etapa, e entrevistas estruturais e semi-estruturadas, logo em seguida, para que algumas questões pudessem ser aprofundadas.

Um dos resultados apontados por Garzel mostra que há preferência, por parte das crianças, pelos temas “cultura e lazer”, “esportes” e “meio ambiente”. Além disso, elas afirmam gostar também de notícias sobre “coisas de criança”, que vão de desenhos animados a vídeo games. Segundo os alunos envolvidos na pesquisa, os produtos jornalísticos voltados para o público infantil deveriam levar em consideração o ponto de vista das crianças e abrir espaço para o trabalho de jornalistas mirins. A televisão, a internet e a revista mostraram ser seus meios de comunicação preferidos e elas ainda enfatizaram a importância do jornalismo para a educação e aprendizagem, para mantê-las informadas sobre o que se passa no mundo e para garantir que sejam ouvidas como cidadãs.

Minha pesquisa traz resultados semelhantes a alguns dos dados apresentados por Garzel. Como teoria de referência, valho-me dos estudos sobre práticas de leitura desenvolvidos pelo historiador Roger Chartier. A análise dos resultados é feita à luz principalmente dos conceitos de Chartier e dos teóricos de recepção latino-americanos, nos quais o consumidor de mídia é visto como sujeito ativo, seletivo e informado.

Apresento, então, a maneira em que este trabalho se encontra estruturado:

No primeiro capítulo, faço uma revisão bibliográfica dos estudos sobre práticas de leitura de Roger Chartier e relaciono o material, em um segundo momento, com os autores do campo dos Estudos de Recepção Latino-Americanos, que analisam a relação imagem-texto na apropriação dos conteúdos pelo leitor, traçando um paralelo entre a recepção da escrita e a recepção da imagem.

No segundo capítulo, explico a opção metodológica por mim assumida; listo as oficinas desenvolvidas; descrevo o material usado nas atividades, com um breve histórico das duas publicações tomadas como principais; apresento o campo

empírico, os critérios de escolha das duas escolas e as principais características das mesmas.

O terceiro capítulo apresenta as crianças envolvidas na pesquisa, através dos resultados de um questionário que traça seu perfil sócio-econômico (NSE)<sup>4</sup>, redigido com base em um modelo utilizado por outros participantes do GRUPEM, em pesquisas sobre mídia e infância, orientadas pela professora Rosália Duarte. Ele inclui questões de múltipla escolha sobre questões econômicas e acesso a diferentes tipos de mídia.

O quarto capítulo trata da relação entre as crianças envolvidas na pesquisa e a mídia impressa, com suas considerações sobre jornais e revistas, de modo geral, a partir de desenhos e debates.

O quinto capítulo é dedicado às oficinas de leitura de impressos jornalísticos, realizadas com o objetivo de observar de que modo se dava essa atividade na rotina das crianças: desde a posição em que preferiam realizar suas leituras, passando pelo tempo gasto com cada reportagem, a interação entre elas enquanto liam o material, além de suas considerações. Essas oficinas tiveram início com revistas e jornais de todos os tipos e depois se concentraram apenas na revista “Recreio” e no suplemento “Globinho”.

O sexto capítulo é dedicado à análise do material jornalístico produzido pelas próprias crianças, nas oficinas do “fazer”. Nessas atividades, os alunos pensaram em sugestões de reportagem e capa para as publicações infantis trabalhadas e também montaram um impresso próprio, de acordo com suas preferências, escrevendo sobre os assuntos que mais lhes interessavam e que eles consideravam mais pertinentes ao público de sua faixa etária.

---

<sup>4</sup> Ver anexos.